



ENTRE A TRANSGRESSÃO E O PROFANO: A *AUTOFICTION FÉMININE* E A ESCRITA DE SI EM *PUTAIN* E *HELL*

Thayenne Roberta Nascimento Paiva

Orientadora: Eurídice Figueiredo

Mestranda

RESUMO: A fim de analisar o tema da prostituição na literatura, parte-se dos conceitos de autoficção e de escrita de si, enquanto suportes teóricos deste artigo. Serão refletidas as obras *Putain* e *Hell*, respectivamente das autoras Nelly Arcan e Lolita Pille, que direta ou indiretamente mobilizaram esse tema. Pretendemos mostrar que, longe de serem escritas pornográfica ou erótica, ambas as obras revelam sujeitos dilacerados, expondo suas vidas, dores e angústias. Concluimos que as obras são marcas de transgressões e profanações, reduzindo os corpos a uma espetacularização mercantil imposta.

PALAVRAS-CHAVE: Autoficção, Escrita de si, Prostituição, Sujeitos dilacerados.

Em busca de foco: autoficção e escrita de si pensam a prostituição

Geralmente reduzida a uma prática literária narcisista, egocêntrica, como bem nos lembra Arnaud Genon, a autoficção é originária do cenário histórico do pós-1968, refletindo uma preocupação central sobre a questão comportamental e acerca dos problemas e doenças que o corpo apresenta (Hidalgo, 2013, p.219). Apesar de não ser considerada um gênero literário, atua como um conceito fortemente mobilizado na contemporaneidade, em que o real e o ficcional não estão claramente delimitados. Tanto é a sua popularidade, beirando quase a

banalização (Hidalgo, 2013, p.219), que profusos são os teóricos que tentam defini-la, ou mesmo lhe apresentar limites e variados são os autores que dela se apropriam e se valem. Nem na França, país de origem, existe consenso a respeito da definição do conceito de autoficção. Para o seu criador, Serge Doubrovsky, é um neologismo; para Philippe Forest, “um fenômeno” e não um gênero literário; Jean-Louis Jeanelle nem tenta defini-lo, apesar de ressaltar sua ampla utilização; para Arnaud Genon, o autor autoficcional expõe o que lhe é mais essencial, o seu eu, embora não se revele totalmente¹.

Há mais. Existem os que consideram um texto autoficcional mesmo com ausência do nome do autor na personagem, como destaca Philippe Vilain em sua ideia de “autoficçãoanominal” (Hidalgo, 2013, p.219). Ou, ainda, especialistas como Arnaud Schmit e sua convencionalidade em chamar a autoficção de auto-narração, ou de arqui-gênero, para Philippe Gasparini. O leque se amplia para os que a considera um intercâmbio entre autobiografia nominal e ficção, como ressalta Vincent Colonna. Para teóricos mais atuais, a autoficção é uma espécie de autoficção-limite, apresentando um eu em risco social, fragmentado e que só se compreende usando a autoficção como seu antídoto, como sublinha Luciana Hidalgo (Hidalgo, 2013, p. 231). Ou ainda para teóricos como Eurídice Figueiredo, que preferem incorporar a noção de escrita de si, para falar de outros “eus” que o sujeito apresenta, mais instáveis e indeterminados.

Nosso propósito, com a finalidade de compreender os modos apropriativos da temática da prostituição nas obras selecionadas, *Hell* e *Putain*, será sobre uma das significações concebidas por Serge Doubrovsky, criador do conceito. Aqui, a autoficção será pensada em histórias que revelem sujeitos dilacerados, excluídos socialmente e expõem suas vidas, dores e angústias. O mesmo objetivo será dado à noção de escrita de si, como apresentado por Eurídice Figueiredo, focando “(...) sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde”(Figueiredo, 2010, p. 91), mais pertinente com a obra *Hell*.

¹ “L’autofiction consiste ainsi à révéler l’insaisissabilité du moi alors même qu’ils’expose – sans pour autant se dévoiler”. Ver GENON, Arnaud. *L’autofiction, les femmes, les autres*. Disponível em: [http://www.autofiction.org/index.php?post/2013/08/01/L-autofiction-les-femmes-les-autres]. Acesso em: 18 de novembro de 2016.

Na ante-sala dos debates: uma visão sintética da prostituição na França

Historicamente, a prostituição existe desde a Grécia antiga, confundida sob a figura das hetairas. Alguns estudos foram desenvolvidos sobre as hetairas, como o que foi elaborado por Simone de Beauvoir. A filósofa condicionou sua pesquisa relacionando as diferenças entre as mulheres casadas e as prostitutas de luxo, como cerne da própria contraposição entre casamento e prostituição (Beauvoir, 1960, p. 323). Em relação à mulher casada, as imposições são mais severas, quanto a resguardar sua castidade, como forma de ser respeitada². Já a hetaira/prostituta vigora uma liberdade contraditória, entre socialmente vista como uma figura clandestina e vítima da fiscalização policial (Beauvoir, 1960, p. 323). São relegadas ao plano da escravidão feminina (Beauvoir, 1960, p. 324), ou vistas como criminosas, ou ainda inseridas no mercado sexual pela sua própria família ou para se sustentar. No caso da auto-sustentação, muitas delas eram exploradas financeiramente pelos cáftens, inserindo-as em uma vida de insegurança e exploração (Beauvoir, 1960, p. 327).

As hetairas eram acompanhantes de luxo que, em troca de fortuna e glória, ofereciam serviços sexuais e companhia aos seus clientes, podendo inclusive manter relações amorosas com os seus clientes e desenvolver habilidades artísticas. Segundo Beauvoir, a hetairanão desconsiderava sua submissão frente a um homem, todavia usava essa submissão como subterfúgio em proveito próprio, “(...) poder mágico que lhe permite pegar os homens na armadilha de sua presença e deles alimentar-se” (Beauvoir, 1960, p. 336), e com isso, adquirir independência. É por unir o sexo e a feminilidade exacerbada à condição de artista, que as hetairas se cercam com homens abastados e da alta sociedade, conquistando favores, cargos,

²A historiadora Michelle Perrot ressalta duas situações contrárias, que nos permitem pensar mudanças de visão e atitude das próprias mulheres e em relação a elas mesmas: no século XIX, embora fossem vistas circulando nas ruas (fazendo caridade e filantropia, no caso das mulheres burguesas), sua restrição se dá ao “espaço privado familiar”, que é visto como seu por excelência. Contudo, nem todos os espaços da casa podiam ser, de fato, ocupados pelas mulheres, por exemplo aqueles que eram destinados aos homens para as reuniões pessoais ou de trabalho. Já no século XX, as mulheres começaram a contestar as caracterizações que lhes eram incutidas, como a de serem exclusivamente delegadas para as funções maternas e do cuidado com a casa. Assim, as primeiras manifestações do Feminismo foram duramente criticadas, e tamanha foi sua desconsideração pela sociedade, que era visto como “fato “social” e não político”, isto é, política não é assunto de mulher. Ver: PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. 4^a.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 180.

melhores presentes e compensando a imposição social de inferioridade feminina (Beauvoir, 1960, p. 337)³.

A prostituição ascendeu com o movimento de urbanização e da sociedade de mercado. O tema foi muito debatido nos anos 1940, até ser esquecido e recuperado quando da emergência de questionamentos de direitos pelas próprias prostitutas e pelos debates em torno da questão da saúde pública, a partir do início dos anos 1980. Na França, a prostituição sempre possuiu um caráter dual, mesmo sendo, de uma maneira geral, uma atividade degradante e clandestina (Mathieu, 2004, p. 153). Apesar da existência, desde o século XIX, de um regulamento sobre o assunto, não deixou de suscitar divergências. Há os movimentos sociais das prostitutas legitimam as mulheres que se assumem com tal e que atuam naquilo que consideram um trabalho válido (Mathieu, 2002, p. 59-62)⁴, defendendo a regularização de seu ofício, em caráter comercial privado e autônomo (Mathieu, 2016, p. 47; Mathieu, 2004, p. 154)⁵, e os chamados abolicionistas, que desde a década de 1960 (Mathieu, 2016, p. 30; Mathieu, 2004, p. 153)⁶ pregam o fim desta atividade, pensando-o moralmente em prol da ordem pública e sanitária (Mathieu, 2004, p. 153, 156)⁷, ao restringir as prostitutas aos bordéis e proibindo o tráfico e a exploração sexual. Apesar de destacar preocupações humanitárias e de tratamento sobre as prostitutas vê-se, na França, desde a década de 1990, o aumento da política coercitiva sobre as prostitutas estrangeiras, tornando-as vítimas do tráfico sexual pela hostilidade que recebem (Mathieu, 2012, p. 206). Ou seja, existem divergências entre a

³Para a historiadora Raquel Soihet, em crítica a análise de Beauvoir, as hetairas com esta postura promoviam a manutenção do patriarcalismo, na qualidade de sujeitos políticos ativos: “(...) visão empobrecedora obscurece seu protagonismo como sujeitos políticos ativos e participantes na mudança social e em sua própria mudança, assim como suas alianças e, inclusive, participação na manutenção da ordem patriarcal”. Ver: SOIHET, Raquel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997a, p. 100.

⁴Os motivos apresentados pelas assistentes sociais em diálogos com as prostitutas a respeito de sua entrada neste ramo são o constrangimento direto, pela necessidade financeira, ou frustração social, com o intuito de ascender socialmente de maneira rápida.

⁵As críticas sobre esta postura ressaltam a não-exclusão da natureza informal da prostituição.

⁶A proibição foi elaborada desde o ano de 1949.

⁷A preocupação com a saúde pública cresceu desde o surgimento da AIDS, especialmente a partir da década de 1980, expondo as condições insalubres em que as prostitutas estavam inseridas.

aceitação da prostituição como trabalho (Mathieu, 2016, p. 35)⁸ em contraposição a tentativa de enquadrá-la em um status de inexistência social(Mathieu, 2002, p. 56).

Por ser considerada um mal social pela ONU e a divulgação da mídia sobre a escravidão sexual introjetada na prostituição (Mathieu, 2012, p. 204), o governo francês aumentou seu interesse pelo assunto a partir de 2000, tornando-o pauta da agenda política (Mathieu, 2004, p. 160), ao não a considerar uma profissão verdadeira(Legardinier, 2009, p. 198; Pheterson, 1990, p. 398)⁹ e impedindo as prostitutas francesas de terem acesso à previdência social, mesmo sendo permitido o exercício da profissão em caráter autônomo, a fim de eliminar a exploração financeira sobre elas. Apesar da dubiedade(Mathieu, 2002, p. 58), o objetivo do Estado francês é de reinserir as prostitutas no mercado de trabalho e ao pertencimento social(Mathieu, 2002, p. 57; (Mathieu, 2004, p. 154)¹⁰.

Mesmo assim, isso não impediu os movimentos feministas de considerarem a prostituição um crime contra as mulheres, pois não é uma questão de ser considerada uma “profissão” a ser melhorada, mas infringe a dignidade humana, tornando a mulher apenas um objeto manipulável(Legardinier, 2009, p. 198-200; Mathieu, 2004, p. 158; Mathieu, 2016, p. 47, 30)¹¹.Ademais, os movimentos feministas acrescentam que a prostituição é o reflexo do patriarcado, daí não ser válido a diferenciação entre prostituição entre livre e forçada. Em ambas vigora uma forma de escravismo sexual.Para o Estado, as políticas de assistência social deveriam obter como resultado a saída das mulheres da prostituição, direcionadas para trabalhos mais seguros e melhores(Mathieu, 2012, p. 205).Ao findar as condições subumanas pelas quais as prostitutas passam, o Estado considera uma forma de normalizar a atividade sexual, sem culpabilizá-las pelos males sanitários que a atividade provoca(Mathieu, 2004 p. 157; Pheterson, 1990, p. 399).

⁸A própria lógica comercial não favorece a elaboração de movimentos de solidariedade com e entre as prostitutas. O mercado do sexo é o lócus de rivalidade, violência e de condições precárias e insalubres de trabalho, contribuindo para um pacto coeso muito fraco.

⁹Noção de prostituição pensada na qualidade de um estado social adquirido pela pessoa que possui o ato de solicitar dinheiro em troca de sexo.

¹⁰A tarefa conta com a atuação de três áreas responsáveis pelo seu controle: a assistência social, a polícia e a saúde pública.

¹¹Dois movimentos que debatem publicamente os males da prostituição: os movimentos feministas e o *Mouvement du Nid*, que foi uma associação criada em 1937 por uma prostituta e um padre, na França, em defesa do fim dos bordéis e de auxílio às prostitutas, expondo publicamente os males e consequências da prostituição.

No caso do feminismo, é interessante pensar sua contribuição. O seu advento, com a pós-modernidade, reformulou a ideia iluminista de sujeito emancipado (Macêdo, 2011, p. 29, 39), marcado pelas diferenças e pela heterogeneidade (Macêdo, 2011, p. 39). Com o movimento, a sociedade é reconstruída na medida em que se pensa um sujeito universal e critica o patriarcado, refletindo “(...) uma experiência comum das mulheres, generalizável a partir da vivência de gênero e coletivamente compartilhada através das culturas e da história” (Macêdo, 2011, p. 30, apud Sorj, 1992, p. 16) e formulando uma conceituação para gênero¹².

Quando nem sempre o nome revela o que realmente é ou por que Putain e Hell não são pornografia e/ou literatura erótica?

Nelly Arcan, nascida Isabelle Fortier (Figueiredo, 2013, p. 107), foi uma garota de programa e escritora que, antes de se suicidar em 2009, relatou em dois de seus livros, *Putain* e *Folle*, a experiência e as sensações vivenciadas por uma prostituta. Especificamente em *Putain*, nossa obra de análise, discorre sua origem, sua desestabilização familiar e sua inserção no mundo da prostituição (Figueiredo, 2014, p. 35-36)¹³.

De escrita impenetrável, ácida e repetitiva, vide frases longas e quase nunca pontuadas, Nelly Arcan concebe *Putain* em um monólogo desenfreado, uma espécie de grito sufocado, estruturado como se estivesse em uma sessão com o seu psicanalista. Começa descrevendo sua origem, de um vilarejo rural humilde, próximo a Maine, de onde recebeu educação religiosa e sobre sua irmã Cynthia, falecida aos oito meses de idade, de quem se valerá do nome como pseudônimo em sua atividade de prostituta (Arcan, 2001, p. 121)¹⁴. Destaca, também, os antagonismos desestruturantes de seu pai, um devoto fervoroso em Deus

¹²Críticas a noção de gênero e a alguns aspectos do feminismo podem ser pesquisados em BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Civilização Brasileira, 2003.

¹³Sobre Nelly Arcan, lembra-nos Eurídice Figueiredo que este livro foi sucesso de vendas, a ponto de ser “indicado para os prêmios Femina e Médicis, na França. Depois de escrever uma obra vertiginosa, Nelly Arcan se suicidou (...)”.

¹⁴“(…) je m’appelle Cynthia et vous savez déjà, ce nom n’est pas vrai, mais c’est le mien, c’est mon nom de putain, le nom d’une sœur morte qu’il m’a fallu remplacer, une sœur que je n’ai jamais pu attraper”. Tradução: “Eu me chamo Cynthia e você já o conhece, este nome não é real, mas é o meu, é o meu nome de puta, o nome de uma irmã morta que tinha de substituir, uma irmã que eu não tinha jamais podido recuperar”.

e sua mãe, a quem denomina como larva, por ficar grande parte do dia dormindo (Arcan, 2001, p. 9-10)¹⁵.

Já adulta e a necessidade de migrar para a cidade, a fim de ascender à Universidade do Quebec, localizado na cidade de Montreal, no Canadá, fez com que sua família a instalasse em um apartamento. Desse modo, Arcan teve de se mudar do campo para a cidade. Diferente de seu pai, que dizia não gostar das grandes cidades por causa das putas, dos homossexuais e dos ricos, para ela foi magnífico, já que detestava a vida no campo. No apartamento, o pai ainda tratou de espalhar por todos os aposentos do lugar crucifixos benzidos, que Nelly interpretava como uma maneira dele devigiá-la, considerando o fervor religioso do pai uma forma ambígua de se confundir com Deus (Arcan, 2001, p. 13)¹⁶.

Na universidade descobre a proximidade com bares e dançarinas nuas, que trabalham ofertando sexo em roca de dinheiro. Posteriormente, começou a trabalhar neste bar, inicialmente como garçone, o que não impedia que os clientes a cobiçassem como uma prostituta. Isto a faz considerar como uma possibilidade de destino a ser seguido (Arcan, 2001, p. 13)¹⁷. Então, procura o telefone da mais importante agência de acompanhantes de Montreal. A agência somente aceitava mulheres bem jovens, como era Nelly Arcan, que foi imediatamente contratada. Vale ressaltar que é justamente pelo excesso de beleza que acredita possuir, que fez Nelly/Cynthia seguir o destino da prostituição.

¹⁵A respeito da mãe e do pai, respectivamente: “(...) *mamère qui ne m'appelait pas car elle avait trop à dormir, mamère qui dans son sommeil a laissé mon père se charger de moi*”. Tradução: “(...) minha mãe que não me chamava porque ela tinha muito à dormir, minha mãe que em seu sono deixava meu pai se encarregar de mim”. “*Et puis il y avait mon père qui ne dormait pas et qui croyait en Dieu, d'ailleurs il ne faisait que ça, croire en Dieu, prier Dieu, parler Dieu (...)*”. Tradução: “E então havia meu pai que não dormia e que acreditava em Deus, além disso, só fazia isto, acreditar em Deus, pedir a Deus, falar Deus (...)”.

¹⁶“*continuer à assurer une surveillance sur moi et informer les visiteurs de sa présence, rien ne sera dit que je n'entende, rien ne sera fait que je ne voie, par ce corps macilenc de Christ, et moi je n'ai jamais compris qu'on puisse avoir un mort pour Dieu*”. Tradução: “(...) continuar a assegurar uma vigilância sobre mim e informar os visitantes de sua presença, nada será dito que eu não entenda, nada será feito que eu não veja, por que o corpo macilento de Cristo, e meu eu não tinha jamais compreendido que a gente pudesse ter uma morte por deus”.

¹⁷Dois passagens explicitam esta situação: “(...) *j'aime l'idée qu'on puisse travailler le sexe comme on travaille une pâte, que le plaisir soit un labeur, qu'il puisse s'arracher, exiger des efforts et mériter un salaire, des restrictions et des standards*”. Tradução: “(...) eu amei a ideia que a gente pudesse trabalhar o sexo como a gente trabalha uma massa, que o prazer fosse um labor, que pudesse se extrair, exigir os esforços e fazer um salário, as limitações e normas”, e “(...) *il m'a suffi d'une seule journée dans cette chambre pour avoir l'impression d'avoir fait ça toute ma vie*”. Tradução: “(...) tem-me bastado uma única jornada neste quarto para ter a impressão de ter feito isso toda a minha vida”.

Seu local de trabalho, onde atende seus clientes, passa a ser um apartamento mobiliado na Rua Doctor Penfield. Daí em diante, entre idas e vindas, dizeres e desdizeres, Nelly Arcan, ou melhor, Cynthia, expõe uma série de sensações sobre uma atividade em que ela se sente aprisionada e abomina, mas que não consegue deixar, devido à excessiva sexualização da qual não consegue se desvencilhar e do dinheiro que consegue obter (Arcan, 2001, p. 22)¹⁸. Isto a faz se considerar em si e nas outras mulheres, em vários momentos do livro, uma postura de *schtroumpfette*, que conduz seu excesso de beleza a um nível de competição com as outras mulheres e que manipula em proveito próprio, aqui no caso também na prostituição, provocando o desejo sexual dos homens¹⁹. A associação entre beleza e dinheiro expõe sua opinião a respeito da relação entre mocidade e ganhos materiais, marcando uma das formas de visão sobre o corpo feminino, exemplificado na função que igualmente desempenha de acompanhante (Arcan, 2001, p. 118)²⁰.

No caso da sua abjeção, explicita-a no asco sobre os clientes que só veem na prostituição a satisfação do desejo próprio, como se a realização sexual pessoal fosse muito mais importante e desmedida (Arcan, 2001, p. 64)²¹. A prostituta, como Arcan explicita, é só corpo, condicionada ao físico belo, jovem, que satisfaça visualmente e sexualmente o cliente, desconsiderando qualquer humanização e reconhecimento da sexualização feminina. Podemos supor uma forma de ver a prostituição associada com o negativo, com a morte, daí buscar seu

¹⁸ Exemplificado na seguinte passagem: “*le petit soldat mécanique qui n’a pas notion des murs, qui continue sa marche vers la mort même tombé sur la côté (...)*”. Tradução: “o pequeno soldado mecânico que não tem noção dos muros, que continua sua marcha em direção a morte mesmo caído de lado (...)”.

¹⁹ No livro, ela igualmente afirma que tal caracterização não condizia com o de sua mãe, que não atraía mais o desejo sexual nem de seu pai e nem de homem nenhum.

²⁰ “*Et si je sais si bien que qui m’attend, c’est sans doute que j’y suis déjà, à ce qui m’attend, au sommeil et au mutisme, je suis déjà là où en est mère car avoir vingt ans est déjà trop lorsqu’on est une femme, lorsqu’on est putain, c’est le début des rides et des cheveux blancs et surtout du souvenir qu’on fut jadis sans rides et sans cheveux blancs, c’est le début des regards qui changent et qui ne s’attardent plus*”. Tradução: “E se eu conheço tão bem o que me espera, é sem dúvida quem eu sou já, para isto que me espera, no sono e no mutismo, eu já estou lá onde está minha mãe, porque ter vinte anos já é muito quando a gente é uma mulher, quando a gente é prostituta, é o começo de rugas e o cabelo branco e especialmente a recordação que a gente foi antigamente sem rugas e sem cabelos brancos, é o começo dos olhares que mudam e que não se esperam mais”.

²¹ “*Et ces trois mille hommes qui disparaissent derrière une porte ignorent tout ce que j’ai dû construire pour exorciser leur présence, pour ne garder d’eux que leur argent, ils ne savent rien de moi parce qu’ils ne soupçonnent pas, parce qu’ils ont des appétits et que c’est tout ce qui importe, parce qu’il n’y a que ça à comprendre car la vie est si simple au fond, si désespérément facile*”. Tradução: “E estes três mil homens que desaparecem atrás de uma porta ignoram tudo isto que eu tinha devido construir para exorcisar sua presença, para guardar deles só seu dinheiro, eles nem sabem nada do meu ódio porque eles nem a suspeitam, porque eles possuem apetites e é tudo isto que importa, porque há que compreender porque a vida é tão simples no fundo, tão desesperadamente fácil.”.

nome profissional em sua irmã falecida. Paradoxalmente, considera o caminho da prostituição a sua salvação, pois modificou um passado pífio, no campo (Arcan, 2001, p. 56)²², e recuperou, simbolicamente, a ausência de desejo que não via mais existir entre o seu pai e sua mãe.

Aqui, em certa medida, Nelly Arcan expõe o que Pierre Bourdieu já havia ressaltado sobre a naturalização social e sexual sobre a dominação masculina, fazendo do corpo um “lugar da diferença sexual”. Nesta visão, nos diz Bourdieu, existe social um “reconhecimento erotizado da dominação”, em que a mulher deve atuar passivamente, delegando ao homem a condição de ativo, viril, poderoso. Inclui-se, também, uma imposição violenta sobre a dominação masculina, pois a submissão não exclui as agressões físicas que as mulheres sofrem, portanto, não se distancia da realidade desta submissão imposta. Mas, dificilmente é revertida pela sociedade, que procura “a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (Bourdieu, 2002, p. 16-66).

De narrativa confusa, ausente de um norte narrador e de ambígua “classificação”, o livro *Hell: Paris 75016*, quando lançado, foi visto como autoficção, escrita de si e até autobiografia, pois se trataria de fatos pessoais da própria autora, Lolita Pille. Mas, não deixa de ser impactante, terrivelmente impactante. No romance, *Elle, ou Hell*, no sentido literal de sua significação – inferno; uma jovem de dezessete narra os tormentos e desequilíbrios pessoais e familiares que vive. Transcorre em um dos bairros mais caros de Paris, indicado pela numeração, daí o subtítulo do livro.

Hell, a própria narradora do romance e espécie de *alter ego* de Lolita Pille, expõe numa escrita agressiva, petulante e narcisista o modo perdulário e descontrolado de vida dos jovens parisienses (Pille, 2002, p. 10)²³, incluindo ela mesma (Pille, 2002, p. 6)²⁴, que reduzem

²² “*Et je n’ai plus le souvenir de ma vie d’avant, je ne peux plus m’imaginer autrement, j’ai déjà sormais un titre, une place et une réputation, je suis une putain de haut calibre, très demandée, je peux aussi voyager dans les pays du Sud avec des Blancs qui s’envoient de l’air au visage avec des billets de banque.*”. Tradução: “E eu nem tenho mais as lembranças de minha vida dantes, eu não posso mais me imaginar outra, eu agora tenho um título, um lugar e uma reputação, eu sou uma prostituta de alto calibre, muito demandada, eu posso também viajar nos países do Sul com os brancos que se enviam do ar com a face das notas de banco.”.

²³ “A gente, a gente pode fazer o que quiser, ter tudo, uma vez que podemos comprar tudo. Nascidos com uma colherinha de prata enfiada em nossas bocas VIP, nós transgredimos todas as regras, uma vez que a lei do mais rico é sempre a melhor”.

²⁴ “Sou o mais puro produto da geração *Think Pink*; meu credo: seja bela e consumista. Mergulhada na loucura policefálica das tentações ostentatórias, sou a musa da deusa Aparência, em cujo altar imolo alegremente todo mês o equivalente ao que você recebe como salário”.

suas vidas as drogas e bebidas, boates e baladas, restaurantes excessivamente caros, sexo desenfreado (Pille, 2002, p. 11)²⁵ e aquisição de artigos de luxo (Pille, 2002, p. 6)²⁶. Como em *Putain, Hell* também é um grito sufocado aos desníveis pessoais e familiares, gerando crises existenciais que são anestesiadas em futilidades e inércias (Pille, 2002, p. 93)²⁷. Mas também expõe uma narradora de existência fútil, regada a muitas diversões e nenhum desejo de trabalhar, apenas de consumir todos os produtos mais caros que o dinheiro pode comprar, na qualidade de uma herdeira dos privilégios e da secularidade da nobreza.

Outro ponto em comum com *Putain* está na ausência de solidariedade entre os que vivem suas crises existenciais, nem um pouco convidativas a serem partilhadas. Em alguns momentos em que *Hell* está com suas amigas e relatam problemas familiares ou pessoais, não existe interesse da personagem em deles participar, expondo a frivolidade em que essas amizades estão envoltas.

Sua banalidade e frivolidade são visíveis quando depois de passar a noite em diferentes boates, na manhã do dia seguinte foi realizar um aborto, acompanhada de sua mãe, que demonstra o maior descaso com a situação a largando na clínica e indo para uma reunião. Ao invés de mostrar fragilidade ou medo, o autocontrole exposto por *Hell* mostra uma reação de como se nada tivesse acontecido, indo tomar um drinque com uma amiga e, depois, decidido por fazer umas compras (Pille, 2002, p. 47)²⁸. Contudo, passado horas depois, chora na frente de uma vitrine de roupas de bebê.

Mas este não foi o seu pior acontecimento. O pior ainda estava por vir quando se apaixonou por Andrea diSanseverini. Mesmo o mancebo sendo parecido em gestos e atitudes com *Hell*, possuía certa dose de equilíbrio ao ponto de conseguir afastá-la de vícios e boates por seis meses. Todavia, *Hell* não concebendo o quanto o amava e não percebendo o bem que

²⁵ “Andando a duzentos por hora nas ruas de Paris, onde não é bom parar quando estamos dirigindo, misturamos birita com fumo, o fumo com pó, o pó com ecstasy; os caras transam com as putas sem camisinha e gozam depois nas amiguinhas das irmãs mais novas, as quais, de qualquer jeito, ficam o dia inteiro fazendo suruba.”

²⁶ “Sou francesa e parisiense e estou me lixando para o resto; pertença a uma única comunidade, a mui cosmopolita e controversa tribo Gucci Prada – a grife é meu distintivo.”

²⁷ “A gente tem uma vida... uma vida de babacas. Comemos, dormimos, transamos, saímos. Sempre a mesma coisa se repetindo.... Cada dia é a repetição inconsciente do anterior: a gente come uma coisa diferente, a gente dorme melhor, ou pior, transa com uma outra pessoa, vamos a um lugar diferente quando saímos. Mas é igual, sem objetivo, sem interesse.”

²⁸ “Ontem à noite, saí, fui ao *Cabaret* e ao *Queen*, depois enchi a cara de pó com A até as oito horas da manhã, dormi três horas e fui fazer um aborto. Eu receava o depois, mas o depois não tem nada de terrível, tomei um drinque com uma amiga depressiva, e agora vou fazer compras nas butiques, hoje é um dia como os outros.”

ele a fazia, termina o relacionamento pela necessidade de retorno a uma vida, que embora ela criticasse, era na inércia e na futilidade que considerava que a vida lhe fazia sentido.

Com a morte de Andreas, em um terrível acidente de carro, Hell, completamente desolada e desgostosa da vida, transforma-se em uma ressentida, punindo-se com prostituição e drogas (Pille, 2002, p. 190)²⁹ até que ela também viesse a falecer. Divergente de Nelly/Cynthia que abominava as outras mulheres e com elas competia por beleza e atração, Hell decide fazer a mesma atitude, com um grau particular: é a sua riqueza que lhe oferta a condição de ser superior as prostitutas (Pille, 2002, p. 196)³⁰, como se fosse uma bolha protetora lhe concedendo poderes de humilhar a quem bem desejasse, de imputar o sofrimento a todos que passassem pelo seu caminho (Pille, 2002, p. 205)³¹. Assim, é na busca pela futilidade e no vazio existencial que Hell expõe aquilo que Eurídice Figueiredo ressalta em Gilles Lipovetsky, de uma “vulnerabilidade psicológica”, oriunda de um núcleo familiar desequilibrado e ausente, uma “família [que] não lhe deu pontos de referência fortes que ancorem suas decisões” (Figueiredo, 2013, p. 120).

Como norte interpretativo destas duas obras, teremos que ter em mente que elas desejam expor sujeitos que, de modo particular, estão enfrentando dilaceramentos internos. Esses dilaceramentos, impregnados na escrita, mais até, confundidos com ela, mostram sujeitos muito mais preocupados em entender os problemas em que estão mergulhados e, menos, ofertar satisfações eróticas ou sexuais em suas escritas. Daí não apresentarem nem os traços que marcam a pornografia e nem o erótico. Tais aspectos do pornográficos, não contemplados por essas obras seriam: ação performativa, condução do leitor ao gozo, prioridade e a associação da ideia de sexualidade marcadamente masculinas, inserção da feminilidade em uma relação de subordinação e de violência sexual, sexo explícito, finalidade prática se associa a uma ideologia, calcada na submissão sexual da mulher em relação ao

²⁹ “Sou uma toxicômana total. Cheirada por natureza, e perua. Pirada de mundanismos. Doentia ao extremo. Alcoólatra e cocainômana. Sou atraída toda noite pelo meu vício como um bêbado pela sua garrafa, como um jogador que vai bater as cartas. Afoguei minhas ilusões em rios de champanhe, eu as seplutei debaixo de montanhas de pó, minha virtude se deslocou de mão em mão, de cama em cama...”.

³⁰ “Meu projeto: sacanear as putas. Eu as encharco de champanhe, pisoteio as coisas delas, queimo os seus vestidos com meu cigarro, as empurro, dou cotoveladas, as insulto. Elas me detestam, mas não podem fazer nada contra mim.”.

³¹ “Não esperem que esta história termine em tragédia, não há nenhuma. Ele morreu e mais nada faz sentido para mim. Encaro o futuro como uma eternidade de provações e fastio. Minha covardia me impede de pôr fim aos meus dias. Vou continuar a sair, a cheirar, a beber e a perseguir os babacas. Até que eu morra. A humanidade sofre. E eu sofro com ela.”.

homem, etc. No caso das características do erotismo, não pensados na escrita de *Putain* e *Hell* são: concentrado grau de violência, ausência de nudismo, excesso metafórico, distância irônica, excesso de perversidade, sexo implícito, reunião dos seres em sua totalidade (recuperação de Eros), etc³².

Considerações finais

Partindo dos conceitos de autoficção e escrita de si, expomos obras que possuem estruturas do discurso pós-moderno, aflorando com uma forma de verdade muito subjetiva, modelada sobre a memória e de modo livre e descompromissado com a linearidade, embora *Hell* se estruture similar ao romance ficcional. Vistas na qualidade autoficção e escrita de si, retomando os conceitos de Eurídice Figueiredo e Serge Doubrovsky, respectivamente, as narrativas possuíam preocupações de caráter existencial sobre sujeitos instáveis familiar e emocionalmente, expondo sofrimentos, dores e angústias.

Após a apresentação do quadro da prostituição na França e melhores esclarecimentos sobre as noções de erotismo e pornografia, concluímos que em nenhuma das duas obras selecionadas, *Putain* e *Hell*, o fim último é o aflorar ou provocar a libido do leitor. Para completar o quadro reflexivo, vale pensá-las como transgressões, e, portanto, profanações que promoveram, ao tornarem seus corpos objetos, seja pela profissionalização sexual, em *Putain*, ou pela punição e sofrimento, em *Hell*. Destarte, ambas as obras expõem modos de espetacularização forçada por situações pessoais, transformando seus corpos em lócus de

³²A relação entre escrita erótica e escrita pornográfica apresentam uma vasta bibliografia, necessária à compreensão das diferenciações e embates entre os dois modos de escritas. Algumas obras trazem debates bastante interessantes, tais como: ANTONY, Louise. *Be What I Say: Authority Versus Power in Pornography*. In: MIKKOLA, Mari. *Beyond speech: pornography and analytic feminist philosophy*. New York: Oxford University Press, 2017, BRANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo*. Coleção Primeiros Passos. 1ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 2004, BOODAKIAN, Florence. *Dee. Resisting nudities: a study in the aesthetics of eroticism*. Bern: Berlin, Bruxelles, Frankfurt, Main; New York: Oxford, Wien, Peter Lang, 2008, EZZELL, Matthew B. *Pornography Makes the Man: The Impact of Pornography as a Component of Gender and Sexual Socialization*. In: COLEMAN, Lindsay; HELD, Jacob M. *The Philosophy of Pornography: Contemporary Perspectives*. EUA: Rowman & Littlefield, 2014, GOULEMOT, Jean Marie. *Forbidden Texts: Erotic Literature and Its Readers in Eighteenth-Century France*. Traduction de James Simpson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1994, HELD, Jacob. *The Problem with the Problem of Pornography Subordination, Sexualization, and Speech*. In: COLEMAN, Lindsay; HELD, Jacob M. *The Philosophy of Pornography: Contemporary Perspectives*. Rowman & Littlefield: EUA, 2014, LINZ, Daniel; MALAMUTH, Neil M. *Pornography*. Newbury Park: Sage Publications, 1993, MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, MORAES, Eliane Robert. *Imaginação Erótica se Baseia no Excesso. Mais!* Folha de São Paulo, São Paulo, 16 jan. 1994, WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



desejo alheio, por meio do dinheiro. Como sugerido pelo filósofo Agamben, os corpos podem ser entendidos como propriedade dos deuses, em que não se pode vendê-los ou escravizá-los. Ao inseri-los em uma nova categoria, a de uso e com outros fins, cometem-se transgressões que profanam seu caráter inicial (Agamben, 2007, p. 65, 70).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: *Profanações*. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 65-80.
- AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.
- ANTONY, Louise. Be What I Say: Authority Versus Power in Pornography. In: MIKKOLA, Mari. *Beyond speech: pornography and analytic feminist philosophy*. New York: Oxford University Press, 2017.
- ARCAN, Nelly. *Putain*. Paris: Seuil, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. Prostitutas e hetairas. In: *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, vol. 2.
- BOODAKIAN, Florence Dee. *Resisting nudities: a study in the aesthetics of eroticism*. Bern: Berlin, Bruxelles, Frankfurt, Main; New York: Oxford, Wien, Peter Lang, 2008.
- BONNETI, Alinne; LIMA E SOUZA, Ângela Maria de. *Gênero, mulheres e feminismos*. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner, 2ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo*. Coleção Primeiros Passos, 1ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Civilização Brasileira, 2003.
- EZZELL, Matthew B. Pornography Makes the Man: The Impact of Pornography as a Component of Gender and Sexual Socialization. In: COLEMAN, Lindsay; HELD, Jacob M. *The Philosophy of Pornography: Contemporary Perspectives*. EUA: Rowman & Littlefield, 2014.



- FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n°4, p. 91-102, 2010. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dlm/criaçãocritica/dmdocuments/08CC_N4_EFigueiredo.pdf] . Acesso em: 30 de março de 2017.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *História literária e crítica feminista: figurações das mulheres*. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org). *Memórias da Borborema 3: Feminismo, estudos de gênero e homoerotismo*. Campina Grande: Abralic, 2014, p. 27-46.
- GENON, Arnaud. L'autofiction, les femmes, les autres. Disponível em: [<http://www.autofiction.org/index.php?post/2013/08/01/L-autofiction-les-femmes-les-autres>]. Acesso em: 18 de novembro de 2016.
- GOULEMOT, Jean Marie. *Forbidden Texts: Erotic Literature and Its Readers in Eighteenth-Century France*. Tradução de James Simpson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1994.
- HELD, Jacob. The Problem with the Problem of Pornography Subordination, Sexualization, and Speech. In: COLEMAN, Lindsay; HELD, Jacob M. *The Philosophy of Pornography: Contemporary Perspectives*. Rowman & Littlefield: EUA, 2014, p. 71-88.
- HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. *Alea*, vol.15, n°1, p. 218-231, 2013. Disponível em: [<http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a14v15n1.pdf>]. Acesso em: 20 de agosto de 2016.
- LEGARDINIER, Claudine. Prostituição I. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- LINZ, Daniel; MALAMUTH, Neil M. *Pornography*. Newbury Park: Sage Publications, 1993.
- MACÊDO, Márcia dos Santos. Feminismo e pós-modernidade: como discutir essa relação? In: BONNETI, Alinne; LIMA E SOUZA, Ângela Maria de. *Gênero, mulheres e feminismos*. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2011, p. 29-52.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MATHIEU, Lilian. La prostitution, zone de vulnérabilité sociale. *Nouvelles Questions Féministes*, vol. 21, n° 2, p. 55-75, 2002.
- MATHIEU, Lilian. The debate on prostitution in France: a conflict between Abolitionism, Regulation and Prohibition. *Journal of Contemporary European Studies*, Routledge, vol. 12, n° 2, p. 153-163, 2004.



- MATHIEU, Lilian. Anambiguous compassion: policing and debating prostitution in contemporary France. *Sexuality Research and Social Policy*, vol. 3, nº 9, p. 203-211, 2012.
- MATHIEU, Lilian. The Emergence and Uncertain Outcomes of Prostitutes Social Movements. *European Journal of Women's Studies*, vol. 1, nº 10, p. 29-50, 2016.
- MIKKOLA, Mari. *Beyond speech: pornography and analytic feminist philosophy*. New York: Oxford University Press, 2017.
- MORAES, Eliane Robert. Imaginação Erótica se Baseia no Excesso. *Mais!* Folha de São Paulo, São Paulo, 16 jan. 1994. Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/16/mais!/15.html>]. Acesso em 18 de agosto de 2017.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da História - operários, mulheres, prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. 4ª.Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PHETERSON, Gail. The Category Prostitute in Scientific Inquiry. *The Journal of Sex Research*. Feminist Perspectives on Sexuality, part 2, vol. 27, nº. 3, p. 397-407, 1990.
- PILLE, Lolita. *Hell Paris 75016*. Tradução de Julio Bandeira. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2002.
- SOIHET, Raquel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997a, p. 95-114.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997b, p. 275-295.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-82.